

RESENHA

Mozart: sociologia de um gênio, de Norbert Elias

Emilson Ferreira DE SOUZA¹

O livro “Mozart: sociologia de um gênio”, de Norbert Elias, em sua construção teórica, aborda a relação ente indivíduo e sociedade, suas caracterizações, em distintas sociedades e tempos históricos e agrega à Sociologia os estudos da Psicologia.

Ao abordar o caso Mozart, Elias avalia um indivíduo e empreita os limites e as formas de relação possíveis entre um homem e a sociedade à qual pertence; entre a sua condição e as suas possibilidades, entre a sua vontade e os parâmetros sociais.

Nessa obra, o autor contrapõe o conceito de Arte de artesão à Arte de artista para discutir o que é ser gênio. Arte de artesão (arte da corte, ou oficial) refere-se, segundo o autor, à produção da arte para um patrono pessoalmente conhecido, com *status* social muito superior ao do produtor. Subordinação da imaginação do produtor de arte ao padrão do gosto do patrono. Arte não especializada, mas uma função de outras atividades sociais dos consumidores (primariamente, um aspecto do dispêndio na competição por status). Forte caráter social e fraco caráter individual dos produtos de arte, simbolizados por aquilo que é chamado de “estilo”.

Já a arte de artista é a arte criada para um mercado de compradores anônimos, mediados por agências tais como negociantes de arte, editores de música, empresários etc. Mudança na relação de poder em favor dos produtores de arte, significando que eles podem induzir o consenso público quanto a seu talento, maior independência dos artistas a respeito do gosto artístico da sociedade, paridade social entre o artista e o comprador de arte (democratização).

Problematiza quais as razões para a mudança na situação social dos artistas no Século XIX. Ascensão social da massa das classes profissionais; os compradores de arte são predominantemente membros abastados da classe média ou autoridades civis ou do

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Estado. Questiona ainda que mudanças na forma artística são explicadas por essa mudança na situação social dos artistas? Maior individualização da obra de arte, maior campo para a fantasia artística individual, maior campo para sair dos trilhos, já que o padrão estrito de gosto artístico de uma classe social mais alta perdeu, em boa medida, a função de restrição para a arte de artista é, portanto, característica de um deslocamento civilizador: o produtor de arte passa a depender mais de sua auto-restrição pessoal, controlando e canalizando sua fantasia artística. Para ilustrar esse momento histórico de ruptura, de transição, Elias faz um estudo a partir do indivíduo Mozart e sua relação com a sociedade da corte absolutista.

Mozart: o gênio

Wolfgang Amadeus Mozart nasceu em 1756, em Salzburgo, tendo uma infância muito especial. Aos quatro anos era capaz, em muito pouco tempo, de aprender a tocar peças musicais bastante complexas. Aos cinco começou a compor e aos 12 anos escreveu sua primeira ópera. Antes de completar seis anos, seu pai, Leopold Mozart, levou-o, com sua irmã, a uma primeira turnê de concerto, em Munique, onde ambas as crianças tocaram para Maximilian III, Eleitor de Baviera. Um ano depois, os três Mozart foram para Viena, onde tocaram para a corte imperial. O enorme sucesso fez Leopold organizar uma turnê mundial pelos palácios e cortes da Europa. Wolfgang Mozart era admirado e louvado em todos os lugares por seu extraordinário talento musical.

As turnês de concertos da família Mozart mostram sua situação peculiar, e em alguns aspectos única, enquanto “outsiders”. Da atrasada Salzburgo, onde o tocador de clarim e o pasteleiro da corte estavam entre seus amigos íntimos, foram subitamente projetados, desde a viagem a Viena, aos mais altos níveis da sociedade.

Onde quer que as crianças aparecessem, causavam sensação, especialmente o menino. Tocava piano como um adulto, fazia todos os truques que lhe eram pedidos como, por exemplo, tocar com o teclado coberto, ou com um dedo apenas. Tinha contato com os grandes da terra. Em cada lugar o pai organizava tantas apresentações quantas fossem possíveis, e elas rendiam dinheiro, de qualquer forma, o que eles recebiam dependia da boa vontade dos nobres. Naqueles dias, na tradição da corte absolutista, o pagamento de um artista era ainda tratado como um presente. Nunca se podia prever a quantia; dependia da generosidade do príncipe ou dos nobres para quem

se tocava. Isto é uma pequena amostra da vida que Mozart levou, com interrupções, até aos 20 anos ao lado de seu pai.

Toda a precoce educação musical que Mozart recebeu o conhecimento de línguas e cultura, tudo foi adquirido com a ajuda do pai. A educação de Mozart foi rígida. O pai primeiro buscou educar seu entendimento musical segundo as tradições da época. Começou do acervo de conhecimentos musicais que se tinha tornado padrão. Mas em suas viagens Mozart ganhou um conhecimento muito mais amplo da vida musical da época, conheceu o trabalho dos grandes nomes da música dos reinos por onde passou: Paris, Londres, Viena ouviu as óperas italianas e conheceu pessoalmente muito dos compositores. Hoje em dia temos fácil acesso às últimas produções musicais de todas as partes do mundo, através da internet, no tempo de Mozart poucos jovens receberam educação musical tão abrangente quanto a dele, abrangente segundo os padrões da época.

Leopold Mozart, serviçal de príncipe e burguês da corte em Salzburgo, não apenas educou musicalmente o jovem Wolfgang nos termos do gosto cortesão, como também buscou conformar seu comportamento e sentimentos ao padrão da corte. No que se refere à tradição musical, foi muito bem sucedido. Mas, quanto ao comportamento e aos sentimentos, sua tentativa de fazer dele um homem do mundo fracassou lamentavelmente. Tentou ensinar a arte da diplomacia de corte, a bajulação, conseguiu o oposto. Mozart continuou tendo um comportamento totalmente franco e direto; assim como mostrava uma imensa espontaneidade de sentimento em sua música, era extraordinariamente rude em sua conduta pessoal.

Mozart tentou um cargo como músico permanente nas principais cortes da Europa por onde passou, não conseguiu. Serviu por um pequeno tempo como organista na pequena corte em Salzburgo, a mesma que seu pai servia. A relação, entre Mozart com o arcebispo de Salzburgo, desde o início foi tensa, o conflito era quase inevitável. O que havia em jogo era mais que simplesmente duas pessoas: suas concepções diferentes da função social do músico, uma delas firmemente estabelecida, outra que até então ainda não tivera seu devido lugar. Era, portanto, também um conflito entre dois tipos de música, um dos quais, a música artesanal da corte, correspondia à ordem social predominante, enquanto o outro, a do artista autônomo, entrava em contradição com ela. Mozart era um jovem orgulhoso que conhecia o próprio valor, rompeu com a situação e foi tentar viver como músico autônomo em Viena.

Mozart nasceu em um período que se pode chamar de fases de transição, realizações essas que surgem na dinâmica do conflito entre os padrões de classes mais antigas, em decadência, e as de outras, mais novas, em ascensão. O conflito não acontecia apenas no campo social mais amplo, entre os valores e ideais das classes aristocráticas da corte e os dos estratos burgueses; ocorria também no interior de muitos indivíduos, inclusive do próprio Mozart, como um conflito que perpassava toda sua existência social.

Os músicos eram tão indispensáveis quanto os pasteleiros, os cozinheiros e os criados, e normalmente tinham o mesmo *status* na hierarquia da corte. A maior parte das pessoas que seguia uma carreira musical era de origem não nobre. Se quisessem ter êxito na sociedade de corte, e encontrar oportunidade para desenvolver seus talentos como músicos ou compositores, eram obrigados, por sua posição inferior, adotar os padrões cortesãos de comportamento e de sentimento, não apenas nos gosto musical, mas no vestuário e em toda a sua caracterização enquanto pessoas. Não havia, portanto, apenas uma nobreza de corte, mas também uma burguesia de corte.

A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte, um tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao estabelecimento cortesão, mas não a ponto de suprimir todas as expressões de protesto, ainda que apenas na arena, politicamente menos perigosa, da cultura. Como um burguês *outsider* a serviço da corte, Mozart lutou com uma coragem espantosa para se libertar dos aristocratas, seus patronos e senhores. Fez isto com seus próprios recursos, em prol de sua dignidade pessoal e de sua obra musical, e perdeu a batalha.

Não é a menor das razões para sua tragédia o fato de Mozart haver tentado, pessoalmente e em sua obra, romper as barreiras da estrutura social de poder através de seus próprios esforços individuais, enquanto ainda estava fortemente atado ao gosto de sua sociedade através de sua imaginação e consciência musicais, e o fato de tê-lo feito numa fase do desenvolvimento social em que a estrutura tradicional de poder estava virtualmente intacta.

A decisão de Mozart de se estabelecer como artista autônomo ocorreu numa época em que a estrutura social ainda não oferecia tal lugar para músicos ilustres. O mercado de música e suas instituições correspondentes estavam apenas surgindo. A

organização de concertos para um público pagante e, as atividades editoriais na venda de músicas de compositores conhecidos, mediante adiantamentos, se encontravam, na melhor das hipóteses, em seus estágios mais iniciais. Especialmente, faltavam ainda em grande parte as instituições necessárias para que o mercado ultrapassasse o nível local. Na Áustria e em muitos territórios alemães, a grande maioria dos concertos e, acima de tudo, das óperas (principal interesse de Mozart como compositor), era organizada para um público de convidados e financiada por aristocratas da corte.

As esperanças de Mozart se depositavam na alta sociedade vienense. Nela, os grupos mais importantes eram as famílias da nobreza de corte, entre os quais tinha conhecidos e amigos. Por alguns anos este sucesso realmente se materializou. A 3 de março de 1784 Mozart escreveu para o pai dizendo que deveria dar, na três últimas quartas-feiras da Quaresma, três concertos por subscrição, para os quais já contava com cem assinaturas e talvez conseguisse mais trinta. Estava também planejando duas academias, para as quais precisava de “coisas novas”. Pela manhã, dava aulas de piano e quase todas as noites tocava em casas de nobres. Os assinantes da lista, também eram nobres. Mas, a 12 de julho de 1789, menciona ao mercador Michael Puchberg que um novo concerto por assinaturas havia fracassado. A sociedade vienense tinha se afastado dele, o Imperador à frente.

Ao considerar a existência de Mozart como “artista autônomo”, deparamos novamente com a profunda ambivalência que era característica de sua atitude em relação à aristocracia da corte que deveria determinar sua vida inteira. De alguma maneira o músico tinha absorvido o padrão de comportamento da classe dominante de sua época. Ao mesmo tempo, sua imaginação musical era formada e impregnada pelo modo tradicional de compor da aristocracia de corte.

Como artista autônomo, Mozart soltou as rédeas de sua imaginação musical, revelou algo de dilema enfrentado pelo artista “livre”. Ao dar asas à fantasia individual, e especialmente a sua capacidade de sintetizar elementos anteriormente dispersos, de modo a romper com os padrões de gosto existentes, ele prontamente reduz suas chances de encontrar acolhida por parte do público. O imperador José II, que de algum modo se envolvera no projeto de “O rapto do Serralho”, ficou nitidamente insatisfeito com o trabalho final. Declarou ao compositor, após a primeira apresentação em Viena: “notas de mais, meu caro Mozart, notas demais”.

Em outra ópera Mozart mudou um pouco o equilíbrio de poder, pois nas óperas de corte ao estilo antigo, os cantores é que mandavam. A música instrumental era subserviente, estava ali apenas acompanhá-los, algumas vezes intercalou as vozes humanas com as dos instrumentos, numa espécie de diálogos. Solapou, assim, a posição privilegiada dos cantores. E ao mesmo tempo inquietou a sociedade de corte, que numa ópera, estava acostumada a ter empatia com as vozes humanas e não com as vozes simultâneas da orquestra. Se Mozart deu à orquestra algo a ser dito, o público não entendeu.

Mozart morreu em 1791, aos 35 anos, e foi enterrado numa vala comum, a 6 de dezembro. A alta sociedade vienense deu-lhe as costas. O rápido avanço de sua doença fatal pode muito bem estar ligado ao fato de que, para ele, a vida perdera o valor. Sem dúvida alguma, morreu com a sensação de que sua existência social fora um fracasso.

Esta obra é um esforço de compreensão sociológica de indivíduo Mozart à luz do seu contexto social, a sociedade de corte, a partir das ideias de Norbert Elias. Este trabalho consegue demonstrar, de forma clara, as teorias desse autor, sendo um ótimo estudo para o leitor que busca reflexões acerca da relação entre indivíduo e sociedade.

REFERÊNCIA

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.